

# EVANGELHO

## DOMINGO XXII DO TEMPO COMUM

EVANGELHO Mt 16, 21-27

*Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus*

Naquele tempo, Jesus começou a explicar aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas; que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Pedro, tomando-o à parte, começou a contestá-l'O, dizendo: «Deus Te livre de tal, Senhor! Isso não há-de acontecer!». Jesus voltou-Se para Pedro e disse-lhe: «Vai-te daqui, Satanás. Tu és para mim uma ocasião de escândalo, pois não tens em vista as coisas de Deus, mas dos homens». Jesus disse então aos seus discípulos: «Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me. Pois quem quiser salvar a sua vida há-de perdê-la; mas quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la. Na verdade, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Que poderá dar o homem em troca da sua vida? O Filho do homem há-de vir na glória de seu Pai, com os seus Anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras».

*Palavra da Salvação.*

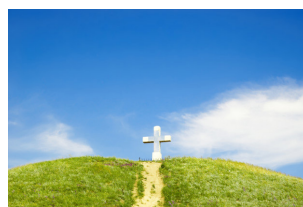
# MEDITAÇÃO

## A CRUZ: O CAMINHO PARA A GLÓRIA

Na escolha dos nossos amigos e companheiros da vida, optamos por pessoas que confiamos e achamos que nos conseguem ajudar a alcançar os nossos objetivos de felicidade, paz, etc. Ninguém escolheria um amigo ou companheiro que o levasse ao fracasso ou à perdição. No Evangelho do domingo passado, Jesus tinha indicado que Pedro será a pedra viva sobre qual edificará a sua Igreja, depois da sua confissão messiânica de que Jesus é o Filho de Deus vivo. No entanto, parece que Pedro e os Apóstolos não entenderam o significado de Messias

e o caminho que Ele deve percorrer. Os Hebreus através da sua tradição esperavam um mundo melhor e um futuro brilhante que será alcançado com a chegada do Messias. Este sonho não é de agonia nem da tristeza, mas da glória.

No Evangelho deste 22º domingo do tempo comum, Jesus procura iluminar e corrigir os Seus Apóstolos sobre a Sua identidade e o Seu caminho que começa na agonia, mas tem como fim a glorificação. Assim sendo, Jesus faz o anúncio da Sua paixão indicando que a



Sua vida não se encaminha para o triunfo, mas passa pelo sofrimento, morte e depois a ressurreição. Aí surge a incompreensão dos Apóstolos, a reação de Pedro e a resposta de Jesus.

Aquele que foi aclamado como rocha viva é referenciado como Satanás (pedra de tropeço), porque anda no caminho oposto do projeto de Deus e deve procurar seguir o mestre como discípulo. A expressão indica também as tentações que nos podem desviar do bem. Ser discípulo ou ser cristão é uma vocação radical com altos e baixos, compreensões e incompreensões e só quem decide firmemente consegue alcançar. Jesus indica três condições para aqueles que desejam livremente tornar-se discípulos ou cristãos:

1. Renunciar a si mesmo
2. Tomar a sua cruz
3. Iniciar o caminho.

O Senhor ensina-nos que o caminho dos discípulos é seguir o Crucificado. A cruz é o sinal do amor e do dom total. Somos chamados a acolher as contrariedades de vida e abrir o coração para que Deus nos possa iluminar e ajudar a crescer. Devemos tomar Jesus como modelo neste seguimento por isso somos discípulos. Procuremos viver na partilha, solidariedade, amor, entrega e disponibilidade para ajudar a um crescimento comunitário.

Que Deus nos ajude a acolher e a suportar pacientemente as cruzes da nossa vida.

### Pista de Reflexão

- Como enfrento os obstáculos da minha vida?

Desejo-vos uma boa semana cheia de bênção e de amizade.

**Pe. Andrew Prince**

# TEMÁTICA

## CURAR O MUNDO

### O DESTINO UNIVERSAL DOS BENS E A VIRTUDE DA ESPERANÇA

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Perante a pandemia e as suas consequências sociais, muitos correm o risco de perder a esperança. Neste tempo de incerteza e angústia, convido todos a aceitarem o dom da esperança que vem de Cristo. É Ele que nos ajuda a navegar nas águas tumultuosas da doença, da morte e da injustiça, que não têm a última palavra sobre o nosso destino final.

A pandemia pôs em evidência e agravou os problemas sociais, especialmente a desigualdade. Alguns podem trabalhar de casa, enquanto para muitos outros isto é impossível. Algumas crianças, apesar das dificuldades, podem continuar a receber uma educação escolar, enquanto para muitas outras houve uma brusca interrupção. Algumas nações poderosas podem emitir moeda para enfrentar a emergência, enquanto que para outras isso significaria hipotecar o futuro. Estes sintomas de desigualdade revelam uma doença social; é um vírus que provém de uma economia doente. Devemos simplesmente dizê-lo: a economia está doente. Adoeceu. É o resultado de um crescimento económico iníquo - esta é a doença: o fruto de um crescimento económico iníquo - que prescindiu dos valores humanos fundamentais. No mundo de hoje, muito poucas pessoas ricas possuem mais do que o resto da humanidade. Repito isto porque nos fará refletir: poucos riquíssimos, um pequeno grupo, possui mais que o resto da humanidade. Esta é mera estatística. É uma injustiça que clama aos céus! Ao mesmo tempo, este modelo económico é indiferente aos danos infligidos à casa comum. Não cuida da casa comum. Estamos quase a superar muitos dos limites do nosso maravilhoso planeta, com consequências graves e irreversíveis: desde a perda de biodiversidade e alterações climáticas ao aumento do nível dos mares e à destruição das florestas tropicais. A desigualdade social e a degradação ambiental andam de mãos dadas e têm a mesma raiz (cf. Enc. Laudato si', 101): a do pecado de querer possuir, de querer dominar os irmãos e irmãs, de pretender possuir e dominar a natureza e o próprio Deus. Mas este não é o desígnio da criação.

«No princípio, Deus confiou a terra e os seus recursos à gestão comum da humanidade, para que dela cuidasse» (Catecismo da Igreja Católica, 2402). Deus pediu-nos que dominássemos a terra em Seu nome (cf. Gn 1, 28), cultivando-a e cuidando dela como se fosse um jardim, o jardim de todos (cf. Gn 2, 15). «Enquanto "cultivar" quer dizer lavar ou trabalhar [...] "guardar" significa proteger..., preservar» (LS, 67). Mas atenção a não interpretar isto como uma carta branca para fazer da terra aquilo que se quer. Não. Existe «uma relação responsável de reciprocidade» (ibid.) entre nós e a natureza. Uma relação de reciprocidade responsável entre nós e a natureza. Recebemos da criação e damos por nossa vez. «Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger» (ibidem). Ambas as partes. De facto, a terra «precede-nos e foi-nos dada» (ibid.), foi dada por Deus «a toda a humanidade» (CIC, 2402). E por isso é nosso dever assegurar que os seus frutos cheguem a todos, e não apenas a alguns. Este é um elemento-chave da nossa relação com os bens terrenos. Como recordaram os padres do Concílio Vaticano II, «quem usa desses bens, não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si mas também aos outros» (Const. past. Gaudium et spes, 69). De facto, «a propriedade dum bem faz do seu detentor um administrador da providência de Deus, com a obrigação de o fazer frutificar e de comunicar os seus benefícios aos outros» (CIC, 2404). Nós somos administradores dos bens, não donos. Administradores. «Sim, mas o bem é meu». É verdade, é teu, mas para o administrares, não para

o possuíres egoisticamente.

Para assegurar que o que possuímos seja um valor para a comunidade, «a autoridade política tem o direito e o dever de regular, em função do bem comum» (ibid., 2406; [cf. GS 71; São João Paulo II, Carta enc. Sollicitudo rei socialis, 42; Carta enc. Centesimus annus, 40.48]). A «subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens [...] é uma "regra de ouro" do comportamento social, e o primeiro princípio de toda a ordem ético-social» (LS, 93; [cf. São João Paulo II, Carta enc. Laborem exercens, 19]).

As propriedades, o dinheiro são instrumentos que podem servir para a missão. Mas transformamo-los facilmente em fins individuais ou coletivos. E quando isto acontece, são minados os valores humanos essenciais. O homo sapiens deforma-se e torna-se uma espécie de homo oeconomicus - num sentido menor - individualista, calculista e dominador. Esquecemos que, sendo criados à imagem e semelhança de Deus, somos seres sociais, criativos e solidários, com uma imensa capacidade de amar. Com frequência esquecemo-nos disto. De facto, somos os seres mais cooperadores entre todas as espécies, e florescemos em comunidade, como se pode ver na experiência dos santos. Há um ditado espanhol que me inspirou esta frase, que reza assim: Florescemos em racimo, como los santos. Florescemos em comunidade como se vê na experiência dos santos. Conscientes de formar um só coração e uma só alma, punham todos os seus bens em comum, dando testemunho da abundante graça de Cristo sobre eles (cf. At 4, 32-35). Nós estamos a viver uma crise. A pandemia pôs-nos todos em crise. Mas recordai-vos: de uma crise não se pode sair iguais, ou saímos melhores ou saímos piores. Eis a nossa opção. Depois da crise, continuaremos com este sistema económico de injustiça social e de desprezo pelo cuidado do meio ambiente, da criação, da casa comum? Pensemos nisto. Que as comunidades cristãs do século XXI recuperem esta realidade - o cuidado da criação e a justiça social: caminham juntas - dando assim testemunho da Ressurreição do Senhor. Se cuidarmos dos bens que o Criador nos concede, se partilharmos o que possuímos para que não falte nada a ninguém, então de facto podemos inspirar esperança para regenerar um mundo mais saudável e mais justo.

E para terminar, pensemos nas crianças. Lede as estatísticas: quantas crianças, hoje, morrem de fome devido à má distribuição das riquezas, a um sistema económico como disse acima; e quantas crianças, hoje, não têm direito à escolarização, pelo mesmo motivo. Que esta imagem, das crianças necessitadas, com fome e com falta de escolarização, nos ajude a compreender que desta crise devemos sair melhores. Obrigado.

Papa Francisco, Audiência Geral, quarta-feira, 26 de agosto de 2020

## AGENDA E AVISOS PAROQUIAIS

• **ENCERRAMENTO PROVISÓRIO DO CARTÓRIO PAROQUIAL:** O Cartório Paroquial continua fechado devido às obras paroquiais. Para qualquer assunto a tratar contacte o Pároco através dos contactos em [www.paroquiadetiress.org](http://www.paroquiadetiress.org)

• **PROJETO "AJUDE A SUA IGREJA:**

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES**

IBAN: PT50 0035 0584 0001 906 603 093

**COMUNIDADE DE SÃO JOSÉ DE CAPARIDE**

IBAN: PT50 0033 0000 2228 005 228 992

• Uma família da nossa Paróquia procura uma casa ou apartamento para arrendar até ao valor de 350,00€ mensais. Os interessados podem contactar diretamente a família através do seguinte número: 96 733 88 79.

• **MISSA CAMPAL E OFERTÓRIO PARA AS OBRAS PAROQUIAIS:** As missas dominicais dos dias 06, 13 e 20 de setembro serão celebradas ao ar livre, de acordo com os horários habituais (09h 00 e 11h15). Mantém-se a missa vespertina às 19h00 aos sábados e não haverá missa das 19h00 nestes dias.

• O ofertório para as obras paroquiais será realizado no segundo domingo do mês de setembro (13/09). Agradecemos a Vossa solidariedade.